

Artigo / Article

O resgate da memória: o topônimo do bairro ouro-pretano Cabeças

Rescuing memories: the toponym of the Cabeças neighborhood in Ouro Preto, Minas Gerais

Fernanda Kelly Mineiro Fernandes 

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

fernandakelly@ufmg.br

<https://orcid.org/0000-0001-5772-0496>

Soélis Teixeira do Prado Mendes 

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

soelis@ufop.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-3792-4974>

Recebido em: 28/08/2022 | Aprovado em: 05/02/2023

Resumo

Nosso objetivo é resgatar parte da memória cultural da setecentista Vila Rica, hoje Ouro Preto, por meio da análise do topônimo "Cabeças", nome atribuído a um dos bairros ouro-pretanos mais antigos. Com base nos estudos onomásticos e nas narrativas dos moradores, discutimos aspectos que extrapolam dados linguísticos e que estão presentes na nomeação de topônimos. A análise dos dados nos mostrou que a configuração geográfica e a posição da localidade em relação à Vila motivaram a escolha toponímica. Assim, podemos afirmar que, com a recuperação dos contextos histórico, cultural, geográfico e social, que propiciaram a criação do topônimo sob análise, foi possível recuperar-lhe o significado ao trazermos à tona informações subjacentes ao nome e em que situação ele foi atribuído à localidade.

Palavras-chave: Cultura • Léxico • Onomástica • Ouro Preto • Toponomástica

Abstract

This paper aims to partly rescue the cultural memory of the eighteenth-century Vila Rica, currently known as Ouro Preto, Minas Gerais, by analyzing the toponym "Cabeças", a name given to one of the oldest neighborhoods in Ouro Preto. Based on onomastic studies and on residents' narratives, we have discussed aspects that go beyond linguistic data and that are present in the naming of toponyms. Data analysis shows that the geographic setting and the

position of the location in relation to Vila Rica motivated the toponymic choice. Therefore, by recovering the historical, cultural, geographic, and social contexts that led to the creation of the toponym under analysis, it was possible to recover its meaning by shedding light on information underlying the name and in what situation in which it was given to the locality.

Keywords: Culture • Lexicon • Onomastics • Ouro Preto • Toponomastics

Introdução

O ato de nomear é inerente à atividade humana, de modo que os próprios seres humanos, assim como os lugares, são nominados, o que permite a individualização e, conseqüentemente, a identificação de tudo e de todos. Os nomes de lugares assumem relevância em diversas áreas do conhecimento, visto que são uma das formas mais utilizadas para acessar os espaços geográficos, seja no mundo real, seja no mundo analógico ou digital. Para além da função referencial e vocativa, os nomes atribuídos a lugares possibilitam o conhecimento de diversos aspectos de uma comunidade linguística, isso porque a nomeação, uma das funções da linguagem, além de representar uma forma de organização e de classificação, pode funcionar como um testemunho das práticas culturais e das atividades psicossociais de um grupo sociolinguístico-cultural, tais como seus valores, suas crenças e subjetividades.

Neste artigo, faremos um recorte dos resultados obtidos na pesquisa de mestrado, defendida em 2021, que teve como objeto de estudo os topônimos relativos aos dez bairros mais antigos de Ouro Preto – Minas Gerais (MG). Para a presente discussão, elegemos o topônimo “Cabeças”. Optamos por esse topônimo porque, durante as investigações, percebermos que os moradores, com quem fizemos entrevistas e cujas respostas foram objeto de análise na pesquisa mencionada, atribuíram diversos significados ao nome do logradouro. Em tais diferentes atribuições estão envolvidos o imaginário coletivo e fatos lendários. Assim, com base nos estudos onomásticos e nas narrativas dos moradores, trataremos de aspectos que excedem dados linguísticos e que estão presentes na nomeação toponímica, com o intuito de apontar elementos histórico-geográficos que podem ter influenciado a escolha pela nomeação. Para além disso, também apresentaremos as respostas dadas pelos informantes quanto à motivação da escolha do referido topônimo.

Nosso objetivo com o presente trabalho é, além de apresentar e discutir historicamente a motivação para a escolha do nome “Cabeças”, ampliar a divulgação da pesquisa, especificamente, dos achados acerca desse topônimo. Isso porque, conforme mencionamos anteriormente, os informantes atribuíram diferentes explicações para a motivação da escolha do nome, diferentemente das significações atribuídas por eles aos outros nove topônimos analisados¹. Além do mais, vamos discutir como os atuais moradores da Cidade ressignificaram

¹ Na referida pesquisa de mestrado, foram analisados dez topônimos ouro-pretanos: Alto da Cruz, Antônio Dias, Cabeças, Morro da Queimada, Morro Santana, Morro São João, Padre Faria, Pilar, Rosário e Taquaral. Os informantes, ao apresentarem suas percepções para a motivação da escolha do nome de nove desses topônimos,

esse nome e como, transpassados séculos, o termo não sofreu alterações por parte de órgãos municipais. Ao fazermos essa discussão, pretendemos, também, resgatar parte da memória cultural do Município.

Vasconcellos (1977) relaciona a origem do topônimo a uma questão espaço-orientacional: entrada principal de acesso ao município. Entretanto, a ocupação efetiva do território levou à abertura de diferentes entradas, mas o topônimo permaneceu inalterado. Nessa perspectiva, o fato de o topônimo *Cabeças* ter sido preservado para o mesmo local no contexto de alterações na ocupação do espaço pode sugerir que o seu significado não foi mantido ao longo do tempo.

Este artigo está assim dividido: *Referencial teórico*, em que apresentamos uma discussão sobre a inter-relação língua, léxico e cultura e tecemos algumas considerações a respeito da Lexicologia, da Onomástica e da Toponomástica; *Caracterização do espaço e etimologia do topônimo*, em que trazemos algumas características acerca da região pesquisada e considerações sobre o topônimo; *Metodologia*, em que discorremos sobre as etapas realizadas no desenvolvimento da pesquisa; *Apresentação e discussão dos dados*, em que realizamos o exame das entrevistas e a descrição do topônimo sob análise; *Considerações finais*, em que buscamos evidenciar as conclusões a que chegamos com a efetivação da pesquisa; e, por último, em *Referências*, apresentamos as obras nas quais nos baseamos para realização do estudo.

1 Referencial teórico

1.1 Língua, léxico e cultura

Nesta seção, buscamos discutir o conceito de léxico e trazer apontamentos sobre como o conjunto de vocábulos de uma língua pode desvelar traços da cultura de uma sociedade, a partir do estudo do nome e do significado.

O acervo linguístico, ou seja, todo o conjunto de palavras que o usuário tem à sua disposição para se expressar sob diferentes maneiras (oral, escrita e gestual), é chamado de léxico: um sistema dinâmico, acumulativo, aberto, inesgotável e em expansão. Ampliando um pouco mais esse conceito, o léxico é “o inventário das unidades significativas responsáveis pela conceituação e representação do universo empírico natural e do sociocultural produzido pela atividade dos homens em sociedade” (COELHO, 2008, p.14). Dito de outra forma, o léxico representa e armazena a memória individual e coletiva, que se acrescenta ao repertório de palavras de uma língua.

Tendo em vista que o léxico reflete todas as práticas sociais e que seu estudo permite apreender a relação do homem com a sociedade, afirmamos juntamente com Biderman que:

foram praticamente unânimes nas respostas dadas, exceto para *Cabeça*, ao qual foram apresentadas diferentes explicações para a criação desse topônimo.

[...] os conceitos são modos de ordenar os dados sensoriais da experiência. Através de um processo criativo de organização cognoscitiva desses dados foram surgindo as categorizações linguísticas expressas em sistemas classificatórios: os léxicos das línguas naturais. Assim, podemos afirmar que o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa ao associar palavras a conceitos que simbolizam os referentes (BIDERMAN, 1998, p. 92).

A língua, enquanto objeto cultural, mutável e dinâmico, é influenciada pelo contexto sociocultural, que se manifesta no léxico, visto que, por meio dele, os usuários de uma língua expressam suas crenças, seus valores, suas ideologias, além de adquirirem, construírem e compartilharem conhecimentos.

Para darmos continuidade a nossa discussão, faz-se necessário definir cultura no âmbito desta pesquisa. Para tanto, apoiamo-nos em Geertz (2008, p.15), de acordo com quem “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, e a cultura é construída nessa teia complexa de signos que foi criada pelos próprios seres humanos, na qual se enredam. Ou seja, ao defender o conceito semiótico de cultura, o autor argumenta que o homem constrói sistemas simbólicos (arte, religião, mito), na medida em que a cultura representa a teia que orienta a existência humana. Nesse sentido, como uma ciência interpretativa, a sua noção conceitual abrange diferentes significados, construídos socialmente e materializados em comportamentos.

De acordo com o autor, a forma como o sujeito interpreta o mundo é influenciada pela cultura, a qual abarca um conjunto de sentidos e acepções construídos e disseminados historicamente. Em função disso, a cultura, conforme Geertz (2008), não pode ser compreendida de forma singular e homogênea, tendo em vista a diversidade humana, o que faz com que o termo implique uma série de abstrações, as quais variam conforme diferentes perspectivas. Portanto, sem perder de vista a dinamicidade de cultura e de sociedade, já que ambas estão em movimento, um modo possível de compreender o sujeito e a cultura está na observância dessa teia de significados (FERNANDES, 2021, p. 90).

Nessa direção, a linguagem é a base de todo o conhecimento, além de ser uma ferramenta atuante que propicia aos seres humanos expressarem suas experiências, atribuírem sentidos e significados de sua realidade, além de construírem conceitos. Os nomes atribuídos a lugares podem evidenciar marcas da cultura e traços da identidade da comunidade que os utiliza. Por meio dos pressupostos teóricos que norteiam a Onomástica, conforme a discussão da próxima seção, analisar os topônimos possibilita conhecer tanto os fenômenos relacionados aos aspectos linguísticos, como aqueles relativos às suas propriedades culturais e sociais, além de permitir entrever a origem e a forma como eles são usados em uma determinada sociedade.

1.2 Onomástica e Toponomástica

O léxico é definido, tradicionalmente, como todo o conjunto de palavras de uma língua, o que inclui o nome comum, que corresponde à totalidade de seres de uma espécie, ou seja, o

que é genérico ou uma abstração, como *homem, país, cidade*; e o nome próprio, que se refere a determinado sujeito da espécie ou entidade; ou seja, trata-se de uma nomeação específica, como *João, Itália, Belo Horizonte* (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 192).

Nas ciências que investigam o léxico, destacam-se a Lexicologia, que estuda e descreve as unidades de uma língua; a Lexicografia, que repertoria e organiza sistematicamente essas unidades em dicionários e enciclopédias; e a Terminologia, que descreve o léxico especializado, isto é, as unidades terminológicas de uma área específica. Esses campos de estudos fazem parte das investigações da grande área da Linguística. Os estudos das palavras que compõem uma língua, os estudos do léxico, permitem-nos entrever as práticas culturais e o sistema de vida de uma comunidade linguística. Nessa perspectiva, tem-se a Onomástica, campo das ciências lexicais que se ocupa dos nomes próprios, os quais, assim como o léxico geral da língua, não são constituídos aleatoriamente, mas historicamente. São influenciados pelos costumes e pelas normas de uma sociedade, por isso, por meio do exame dos nomes próprios, atribuídos pelo homem, podemos identificar motivações de ordem cultural.

Como subáreas da Onomástica, a Toponomástica investiga os nomes próprios de lugares, e a Antroponomástica, os nomes próprios de pessoas. Embora essas sejam as áreas mais enfatizadas nos estudos onomásticos, existem outras que se integram à Onomástica, como a Onionímia, que investiga os nomes próprios de elementos comerciais, e a Panteonímia, que representa o “estudo de vários outros nomes próprios” (VASCONCELLOS, 1928, p. 2).

A Onomástica é uma área da Linguística dedicada ao estudo do nome próprio e integra-se à Lexicologia. Como subáreas da Onomástica, destacam-se os termos identificados tradicionalmente como Toponímia e Antroponímia. No entanto, de acordo com Seide (2016), o *International Congress of Onomastic Sciences* (ICOS, 2011) nomeou de Antroponomástica a disciplina que estuda os nomes próprios de pessoas e de Toponomástica a que analisa os nomes próprios de lugares. Seguindo essa tendência, as autoras deste artigo optaram pela utilização desses termos, que abarcam o quadro teórico e, portanto, distinguem-se de toponímia, que nomeia um conjunto de nomes próprios de lugares (cidades, bairros, ruas, praças, estabelecimentos, fazendas, córregos, montanhas etc.), e de antroponímia, que nomeia um conjunto de nomes próprios de pessoas (nomes, apelidos, sobrenomes, pseudônimos etc.).

Desde os primórdios, está presente nos seres humanos a prática de nomear pessoas, objetos e lugares, uma vez que “[...] é o nome que dimensiona a pessoa e caracteriza o humano e o animado, polarizando sua atividade sociolinguística” (DICK, 1999, p.137). De acordo, ainda, com essa autora, mais que dar nome a seres e coisas, os nomes exprimem significados que transcendem o próprio nome.

A incontestável relevância dos nomes próprios no âmbito das relações humanas justifica a importância da onomástica, cuja raiz é de origem grega: *onoma* equivale a nome. Como ciência, pode ser definida, de um modo geral, como “O estudo dos nomes próprios, que pode esclarecer muitos aspectos da história, política, econômica e social [desses nomes]” (ULLMANN, 1967, p. 161).

Tendo em vista a sua natureza interdisciplinar, as investigações onomásticas contribuem para diversas áreas do conhecimento. Elas favorecem outras ciências que utilizam as informações obtidas pelos estudos antroponomásticos e toponomásticos, o que atesta a importância dessas disciplinas para além dos estudos linguísticos.

Nos estudos toponomásticos, são comuns o uso de base documental e de análises quantitativas e qualitativas, em que são utilizados metodologia e embasamento teórico propostos pela professora Maria Vicentina do Amaral Dick, da Universidade de São Paulo (USP), idealizadora do Atlas Toponímico do Brasil (ATB). De acordo com essa pesquisadora, estudar a toponímia é uma forma de verificar o modo como o ser humano utiliza a linguagem, além de investigar a sua compreensão acerca da realidade. A toponímia apresenta-se, então, “[...] como a crônica de uma comunidade, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras” (DICK, 1992, p.19), ao lavrar o entendimento de uma certa época. O estudo de um conjunto toponímico cristalizado pode sinalizar fatos sociais esquecidos e suprimidos, porém preservados.

Quando um lugar é ocupado pelo homem, faz-se necessária a nomeação desse espaço, com o intuito não só de assegurar sua localização territorial, mas também de constituir sua identidade comunitária. À vista disso, a Toponomástica revela-se como um ramo de conhecimento que propicia observar a relação entre o homem e o lugar habitado. Os topônimos, isto é, os nomes próprios selecionados para dar nome a um lugar, estão intrinsecamente conexos com língua, cultura e contexto social e levam em conta fatores não só relacionados à necessidade de referenciar um local, como também fatores voltados aos valores, às crenças, às concepções e aos sentimentos do(s) responsável(is) pelo nome. Destacamos, assim, a relevância dos estudos dos nomes próprios sob esse viés, visto que esses permitem compreender a organização cultural e social de uma comunidade e evidenciam a natureza interdisciplinar das investigações da Toponomástica.

Seide (2013) defende que os aspectos econômicos, políticos, culturais e sociais podem intervir na nomeação do lugar. Na medida em que o nome aponta o local como pertencente a uma comunidade, ele se assemelha àqueles que nela estão inseridos (SEIDE, 2013, p. 174). Uma vez que os topônimos não se limitam a códigos linguísticos, estudar os nomes próprios também pode revelar sinais históricos, configurações do espaço geográfico e tradição religiosa da região para qual foi atribuído certo nome.

2 Caracterização do espaço e etimologia do topônimo

Para compreender a motivação da escolha do nome do bairro analisado neste artigo, faz-se necessário situá-lo na cidade. Para tanto, faremos a caracterização da localidade por meio de um breve histórico sobre a formação da região e abordaremos aspectos relevantes do município, para o melhor entendimento do leitor.

Ouro Preto é uma cidade do estado de Minas Gerais, região sudeste do país. Situada na área do Ciclo do Ouro, foi a primeira cidade brasileira a receber da Organização das Nações Unidas para Educação Ciência e Cultura (UNESCO), em 1980, o título de *Patrimônio Mundial*. Em 2021, sua população estimada era de 74.824 pessoas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020). A origem da cidade, que se localiza em terreno acidentado e montanhoso, se liga à descoberta do ouro de aluvião por bandeirantes paulistas, que se fixaram, no início do século XVII, na região onde abundava o ouro. Ou seja, os sertanistas se fixaram às margens dos ribeirões e nos morros, e isso corroborou “o processo de agregação entre os arraiais de garimpo do minério estabelecidos entre as cadeias de montanhas existentes na região” (FERNANDES, 2021, p.22). Nos primeiros anos da descoberta, arraiais foram se formando nos entornos das serras e dos córregos auríferos da região, o que precipitou o crescimento da população e ocasionou a formação de duas freguesias, Antônio Dias e Ouro Preto (posteriormente, Freguesia de Nossa Senhora do Pilar), que, mais tarde, elevaram ambos os lugares à Vila.

A abundância do ouro determinou o primeiro nome do local: Vila Rica. Depois, esse nome foi alterado, devido à característica do metal: Ouro Preto, isto é, coberto por uma camada de óxido de ferro, que o diferenciava dos encontrados em outras regiões. O processo da atribuição de nome foi motivado por outros elementos, o que incluiu a “forma de governo implementada e o exercício do poder ao considerarmos a passagem do Estado absolutista até a Proclamação da República: Vila Rica de Albuquerque², Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar, Imperial cidade de Ouro Preto, Ouro Preto (FERNANDES, 2021. p. 168).

Com a ocupação do território, surgiram diferentes caminhos, entretanto, o trajeto conhecido como “estrada tronco”, que se principiava na região conhecida por *Cabeças*, era o mais utilizado. *Cabeças*, de origem latina, é um topônimo de natureza antropocultural, classificado, seguindo a proposta taxonômica de Dick (1990), como um somatotopônimo, isto é, apresenta uma relação metafórica relativa à parte do corpo humano.

Conforme a raiz etimológica, o termo *cabeça* deriva do lat.vulg. *capītia* (cláss. *capūt*) e é utilizado em textos jurídicos para se referir a parte principal de um artigo: “cabeça de artigo que inclui parágrafos, itens ou alíneas” (BRASIL, 1994, p. 20). Além disso, tal termo pode ser empregado como um qualificador, ao aludir a ideia de uma posição de destaque em detrimento a outra, ou seja, aquele que está à frente. Essa foi a motivação do topônimo sob análise, na acepção de um jovem estudante, que será exposta mais adiante, na seção em que fazemos a apresentação e a análise dos dados.

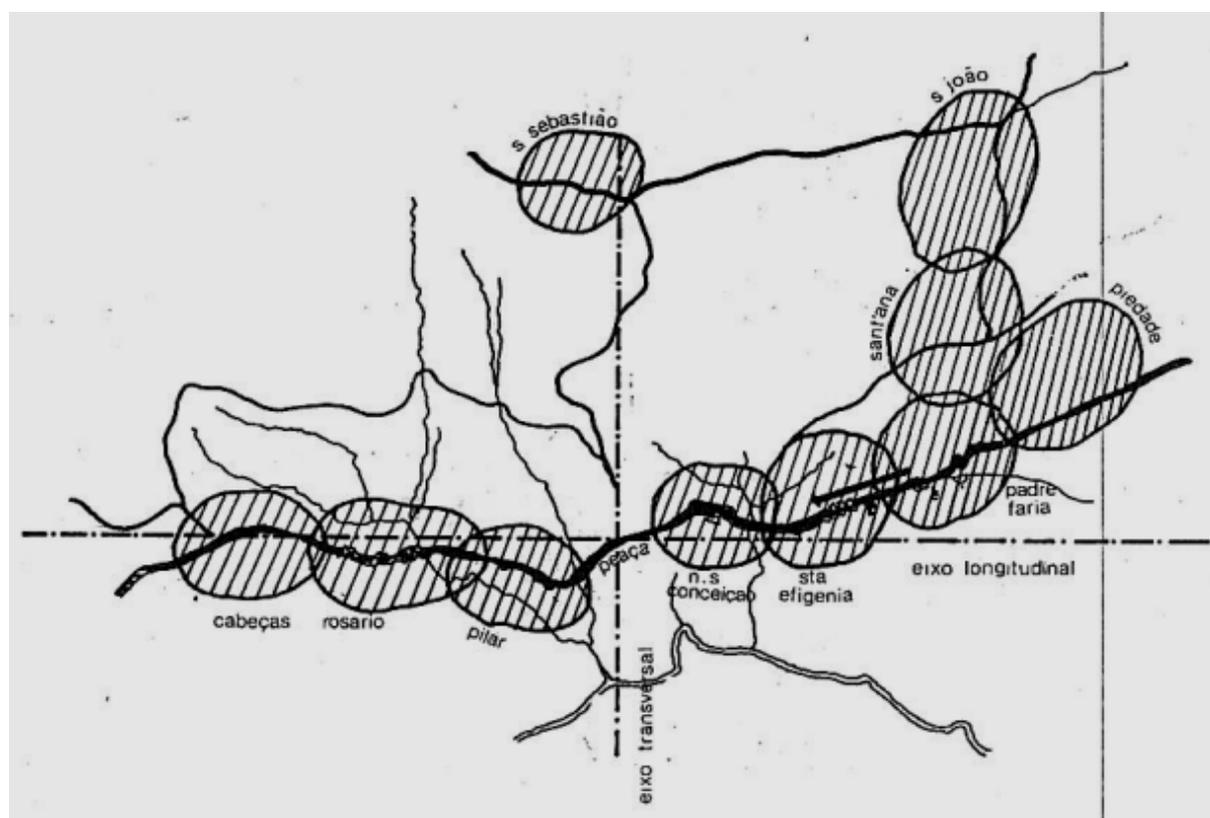
Segundo Vasconcellos (1977), o nome se deve à posição e à localização geográfica em relação à Vila (observemos as Figura 1 e Figura 2). Nas palavras do autor:

² Nome dado à Vila, em 1711, em homenagem a Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, governador das capitanias de Minas Gerais e São Paulo, à época. Porém no ano posterior, os portugueses reconheceram-na apenas como “Vila Rica”.

Entra na Vila e vai direto à Matriz do Pilar, de onde se endireita para a Matriz de Antônio Dias, saindo por Sta. Ifigênia. *Por isso mesmo, na entrada, designa-se por Cabeças (princípio)*, entre as matrizes, Rua Direita e, na Vila e Sai. Principia esta estrada no Passa-Dez, subindo para as *Cabeças*; desce para a Matriz do Pilar, no fundo de Ouro Preto, de onde galga o morro Santa Quitéria; decai para Antônio Dias, novamente sobre o Alto da Cruz, de onde vira e sai para a Vila do Carmo, cidade de Mariana (VASCONCELLOS, 1977, p. 71, grifos nossos).

O nome do logradouro em estudo permite compreender a percepção de quem deu o nome em relação à configuração geográfica atrelada ao surgimento e ao desenvolvimento do núcleo populacional e à formação da paisagem; ou seja, o local em que está inserido o topônimo marcava a entrada principal de Vila Rica, para aqueles que vinham das regiões dos Campos (Cachoeira, Congonhas e Itabira³).

Figura 1. Caminho principal de Vila Rica

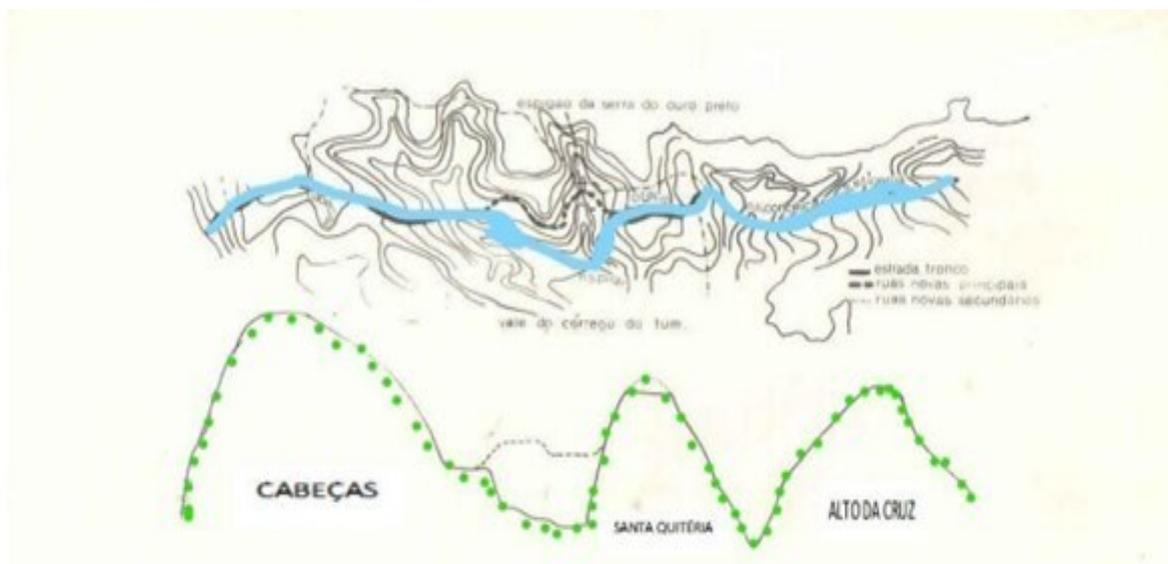


Fonte: Vasconcellos (1977, p. 72).

Na Figura 2, destaca-se, na cor azul, a Estrada Tronco.

³ Itabira do Campo era o antigo nome do município mineiro de Itabirito, criado em 1752.

Figura 2. As três principais colinas de Ouro Preto: Cabeças, Santa Quitéria e Alto da Cruz



Fonte: Adaptado de Vasconcellos (1977, p. 73).

No local, de acordo com Vasconcellos (1997, p. 23), foram erguidas forcas para o cumprimento de sentenças capitais, tendo sido “a de Vila Rica estabelecida nas Cabeças e depois em um morro isolado, fronteiro ao de Santa Quitéria⁴, cujo topo mais tarde se terraplanou”. No entanto, segundo historiadores, o nome *Cabeças* se refere à entrada, ou seja, à localidade que principia a Vila. O brasão da cidade (Figura 3), símbolo da Câmara Municipal de Ouro Preto (CMOP), reproduz a topografia da vila, em que são representados os primeiros arraiais: três morros – Cabeças, Santa Quitéria (Praça Tiradentes) e Alto da Cruz e dois vales – Antônio Dias e Pilar do Ouro Preto. Refere-se à cor escura do ouro, que originou o nome da cidade, o listel *Pretiosum aurum nigrum* (Precioso aureo e negro), com as datas de 1711, referente à fundação, e 1789, à Inconfidência Mineira.

Figura 3. Brasão de Ouro Preto - MG



Fonte: Câmara Municipal de Ouro Preto – CMOP.

⁴ Atual *Praça Tiradentes* situada no Centro Histórico de Ouro Preto.

As alterações pelas quais o espaço passou corroboram a necessidade de revisitar o significado do topônimo junto a moradores da cidade. A seguir, trataremos dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

3 Metodologia

O objetivo da pesquisa da qual este artigo é oriundo é contribuir para a memória cultural da cidade de Ouro Preto (MG) por meio do estudo toponímico dos nomes dos bairros ouro-pretanos mais antigos. Assim, com o intuito de investigar a ancianidade do topônimo *Cabeças*, a metodologia utilizada para esta pesquisa implicou o acesso ao acervo documental do Arquivo Público Municipal de Ouro Preto e o levantamento de dados junto à Prefeitura Municipal da Cidade. Para além disso, também foram analisados mapas, documentos oficiais e obras que contêm relatos feitos por viajantes estrangeiros, que, nos séculos XVIII e XIX, passaram por Minas Gerais. Acrescenta-se, também, o estudo *in loco*: foram realizadas entrevistas com os moradores da cidade, de faixa etária diversificada, aos moldes da sociolinguística laboviana, a fim de registrar e, posteriormente, analisar, o conhecimento que eles têm sobre o porquê do nome do bairro que constitui a cidade onde vivem.

Ademais, o aporte teórico-metodológico que auxilia a análise toponímica segue a classificação e sistematização dos dados coletados referentes à origem, à natureza toponímica, à estrutura morfológica e taxionômica propostas por Dick (1992), divulgada na ficha lexicográfico-toponímica, que foi o produto da pesquisa realizada. Seguindo a orientação laboviana (1974), buscou-se observar a forma toponímica no presente, e em seguida, voltou-se ao passado, para conhecer o contexto histórico da nomeação do topônimo sob análise. Nesse retorno ao passado, procuramos verificar se, com a evolução do tempo, houve transformações na forma escrita de *Cabeças*, o que não foi constatado. Também foi nosso propósito constatar se houve mudança de nome, o que também não ocorreu, havendo, apenas, mudança de sentido.

No início do trabalho, foi realizada uma visita à Câmara Municipal, ao Museu da Inconfidência e ao Arquivo Público de Ouro Preto, situados no próprio município. Embora planejássemos visitar o Arquivo Público Mineiro (situado em Belo Horizonte – MG), bem como outras instituições responsáveis por registros dessa natureza, em busca de documentos que manifestassem informações relativas à nomeação do bairro, além de, no decorrer da pesquisa, retornar a esses espaços quantas vezes fossem necessárias para novas consultas ao acervo, isso não foi possível. Em razão da situação pandêmica causada pela Covid-19, ficamos impossibilitados de realizar mais de uma visita aos espaços citados, conforme pretendíamos, já que que esses locais foram fechados em cumprimento das recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS), a fim de atender às medidas preventivas contra a disseminação do coronavírus.

Diante dessas dificuldades, procedemos ao levantamento de dados, porém, em arquivos digitais, tais como o Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência – Casa do Pilar, Biblioteca

Nacional, Arquivo Nacional, Arquivo Histórico Ultramarino, Arquivo Público Mineiro, Biblioteca Digital, entre outros, à procura de documentos e de mapas antigos que remetessem à época de surgimento dos primeiros arraiais⁵, os quais formaram a Vila Rica e, posteriormente, a cidade de Ouro Preto.

No que diz respeito ao trabalho de campo, programamos entrevistas com moradores da cidade, com o propósito de sabermos que informações eles possuíam sobre a origem e a história dos bairros ouro-pretanos selecionados, dentre eles, o bairro *Cabeças*, sobre o qual tratamos neste estudo. Foram realizados diálogos, sobretudo, com os moradores mais idosos que residem na cidade desde que nasceram, a fim de obtermos informações que lhes foram passadas e/ou construídas, via tradição oral, sobre as nomeações, como forma de resgatar a memória cultural de Ouro Preto. Essas conversas ocorreram, num primeiro momento, de forma presencial, e a maior parte delas se deu por meio de ligação telefônica e áudios nos aplicativos *WhatsApp* e *Instagram*, especialmente, com os informantes mais idosos, já que esse grupo compreendia o agrupamento de pessoas com maior suscetibilidade à contaminação pelo vírus, ou seja, tratava-se de grupo de risco.

Simultaneamente, como forma de proteger o bem-estar das pessoas envolvidas na pesquisa, além de os nomes dos informantes não terem sido informados, os entrevistados receberam o *Termo de Consentimento com Esclarecimentos*, acerca dos objetivos e dos procedimentos da pesquisa, documento que foi assinado por eles. O projeto da pesquisa foi cadastrado e submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa – (CEP), que emitiu o parecer favorável à realização⁶. Antes disso, realizamos uma primeira entrevista com moradores de faixa etária diversificada, variando dos 15 até aqueles com mais de 65 anos, por meio de questionário eletrônico pré-estruturado, que nos serviu de teste piloto. Para a realização das entrevistas, os grupos foram separados nas seguintes faixas etárias: 15 a 35 anos, 36 a 56 anos, 57 a 65 anos e, por fim, os informantes com mais de 65 anos. No total, foram realizadas quarenta entrevistas, já que, para cada grupo etário, foram entrevistadas dez pessoas. Além de responderem a perguntas referentes aos topônimos, os participantes também deveriam informar, caso desejassem se identificar, a ocupação, a escolaridade, o sexo e se sempre moraram no mesmo bairro.

⁵ Segundo Fonseca (2011, p.27), “Nas zonas mineradoras da colônia – em Minas Gerais, mas também em Goiás e Mato Grosso –, os “lugares” dependentes de uma sede de concelho adquiriram uma denominação peculiar: arraial. É importante lembrar que, em Portugal, o termo designa apenas os acampamentos militares, ou ainda as feiras e quermesses, não fazendo parte, portanto, do léxico urbano. Já a palavra “povoação”, tanto no Reino como na colônia, era um termo genérico, que podia se referir a todos os tipos de aglomerações, inclusive às cidades e às vilas [...]”. “[...] no final do século XVII, o termo arraial designava os pousos e roças que os bandeirantes criavam ao longo das trilhas para assegurar a sua sobrevivência. Após a descoberta das minas, estas trilhas transformaram-se em caminhos – mais ou menos praticáveis, dependendo das características dos terrenos – pelos quais transitava um grande número de viajantes e tropeiros. Alguns pousos existentes ao longo destas vias tornaram-se pontos de encontro de agricultores e comerciantes, e em torno destes locais surgiram povoados que também eram chamados arraiais. No século XVIII, quando o foco das bandeiras já não era mais o índio, e sim o ouro, o termo “arraial” tornou-se cada vez mais associado aos povoados das zonas mineradoras da colônia: Minas Gerais, mas também Goiás e Mato Grosso” (FONSECA, 2011, p. 62).

⁶ Número do CAAE: 35500820.2.0000.5150. Aprovado em 27 out. 2020.

A diversidade quanto à faixa etária das pessoas selecionadas para a entrevista se deu porque pretendíamos verificar se havia estabilidade semântica referente ao uso toponímico/léxico entre moradores de diferentes idades. Assim, procuramos apurar se os informantes mais velhos possuíam informações que os jovens não alcançavam e procurarmos conferir o significado que esses últimos atribuíam ao nome do bairro. Paralelo a isso, pretendíamos também observar se as outras variáveis, como sexo, ocupação e escolaridade, possuíam alguma influência quanto à atribuição de significado ao topônimo.

De posse dos dados, iniciamos a confecção da ficha lexicográfico-toponímica e histórica, visitando o bairro sempre que necessário para a complementação de informações pendentes. Isto posto, procedemos à redação de texto, que reproduziu as informações contidas nessa ficha. A ficha é composta por dez itens, a saber: o número da ficha; o topônimo propriamente dito; a natureza do topônimo (física ou antropocultural); a estrutura morfológica; a classificação taxonômica e sua justificativa, com base no modelo proposto por Dick (1990); a motivação toponímica para a escolha do nome do bairro; a ocorrência de variação do nome do bairro no decorrer do tempo; as informações enciclopédicas; o relato sobre a origem e a história do nome do bairro, conforme explicitaram os informantes, as quais foram-lhes transmitidos via tradição oral, representando, dessa forma, o resgate memorialístico. A identificação das entrevistas é feita por meio das letras iniciais do nome do informante, número da sequência da entrevista, o sexo e idade do entrevistado (ex.: MS3F70 – Maria Silva, entrevista 3, feminino, 70 anos de idade).

4 Apresentação e Discussão dos Dados

Nesta seção analisamos descritivamente o topônimo *Cabeças* e apresentamos nossas análises referentes às entrevistas.

No grupo de 15 a 35 anos, composto por pessoas com diversas ocupações, desde estudantes do ensino médio a docentes, apenas dois professores responderam algo sobre o topônimo estudado. Um dos participantes associou o nome *Cabeças* à narrativa em que “Tiradentes teve a cabeça decapitada e exposta em um poste”.

No grupo de 36 a 56 anos, constituído por pessoas com o ensino médio completo, sendo que três deles têm ensino superior, há um técnico em Segurança do Trabalho, um técnico metalúrgico, três vendedoras, uma pedagoga pós-graduada, uma professora da rede pública de ensino, duas “donas de casa” e uma psicóloga. Somente a pedagoga e o técnico metalúrgico expuseram alguma informação sobre *Cabeças*.

No grupo de 57 a 65, formado por donas de casa, professores, autônomos e vendedores, entre outras ocupações, todos com ensino médio completo e cinco deles com o ensino superior, metade dos respondentes manifestaram alguma informação.

Por fim, no grupo de pessoas com mais de 65 anos, tivemos 10 informantes com idades entre 66 e 92 anos, sendo duas pessoas com idade de 66 anos; uma com 67; uma com 68; três com 69; uma com 76; uma com 86; e uma com 92 anos. No que diz respeito à ocupação, oito pessoas são aposentadas, uma é dona de casa e um é professor em exercício. Dentre dez pessoas, só duas responderam “não sei” para a indagação sobre o topônimo *Cabeças*.

Com a análise dos dados obtidos, foi possível perceber que a variável *idade* foi a que mais exerceu influência na obtenção das informações. A ocupação e a escolaridade dos participantes, por sua vez, não determinaram o conhecimento sobre o topônimo, e o sexo dos entrevistados em nada interferiu nas respostas. Portanto, por meio do resgate cultural e ao considerar que os mais velhos ajudaram na construção da cultura e da história, enfatizamos também a importância de valorizarmos as pessoas mais idosas, especialmente, como informantes de pesquisas como essa que fora realizada.

Vale ressaltar que uma das autoras, que em 2019, atuava como professora de Língua Portuguesa em uma escola da rede pública estadual de Ouro Preto, ao mesmo tempo em que desenvolvia o projeto de pesquisa, abordou o léxico de forma interdisciplinar para uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental II. Os alunos dessa turma foram exortados a falarem sobre a história e/ou origem do nome dos bairros da cidade, em especial, do logradouro onde moravam. Um estudante argumentou de forma bastante enfática que seu bairro era “o cabeça” e tinha “esse nome porque é o líder”. Tal colocação nos fez refletir sobre os diferentes sentidos atribuídos ao topônimo, a depender do contexto em que o sujeito está inserido, a sua compreensão, o modo de ver e observar a realidade em seu entorno, além de ser influenciado por ela. Esse jovem, de 15 anos, é conhecido nessa escola por gostar muito de futebol e pelas notórias habilidades desenvolvidas na prática desse esporte, o que, a nosso ver, pode ter influenciado e contribuído para a sua concepção do termo *cabeça*, uma vez que o bairro é destaque e líder na prática desse esporte. Apesar de ter trazido a questão com bastante humor, o estudante demonstrou se orgulhar do seu bairro.

Ao discorrer sobre a avidez pelos metais nobres, a qual corroborou a ocupação e fixação de pessoas na região para extração mineral, de modo que pequenas povoações espontâneas se formaram nos séculos XVII e XVIII, aprofundou-se a discussão, com esses estudantes, acerca da origem e escolha do topônimo. Alguns educandos questionaram se *Cabeças* não seria o local em que se concentravam os “chefes” da mineração. A partir disso, destaca-se o fato de que, no decorrer da discussão, esses jovens associaram o nome dado ao local a uma ideia de liderança, posição de autoridade e de supremacia em uma suposta hierarquia.

Diferentemente disso, os moradores entrevistados, mais experientes, atribuíram histórias, fatos e lendas à nomeação, conforme se pode observar no resgate memorialístico oral mais adiante.

Tanto a narrativa dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental II, com idade entre 14 e 16 anos, quanto a análise das entrevistas mostra que os mais jovens são os que possuem

menos informações sobre a origem dos nomes dos bairros. Inclusive, muitos só perceberam a importância dos topônimos a partir da abordagem feita em classe, segundo o próprio relato de muitos deles, apesar de esses nomes fazerem parte do cotidiano das pessoas.

Os informantes com idades entre 47 e 65 anos possuem um pouco mais de conhecimento a respeito do nome do logradouro. Todavia, os participantes com mais de 65 anos forneceram mais dados, além de relatarem histórias locais associadas ao topônimo, que foram passadas pelos seus ascendentes.

São várias associações do topônimo, por parte dos entrevistados, a episódios, inclusive, trágicos, como a decapitação e a exposição, no local, das cabeças dos condenados à forca; o enterramento da cabeça de Tiradentes; e a mostra de cabeças de bois para sinalizar um matadouro e frigorífico que não existe mais no espaço, conforme o resgate memorialístico oral que se segue. Conforme descrito na metodologia, a identificação das entrevistas é feita por meio das letras iniciais do nome do informante, número da sequência da entrevista, o sexo e idade do entrevistado.

Resgate memorialístico oral⁷:

1. “[...] local onde havia uma forca para punir quem desobedecesse às autoridades. Depois de enforcadas, as cabeças dessas pessoas eram expostas para servir de lição para as outras, para que ninguém ousasse afrontar a Rainha e o Rei; é porque no local havia um pelourinho e foi colocada a primeira forca da Vila [...] muitas pessoas que descumprissem às ordens da Coroa Portuguesa eram punidas com enforcamento, decapitação e, além disso, tiveram as cabeças expostas em postes como ameaça para que todos se preocupassem em obedecer às autoridades da época”.

(APRC92F – Entrevista nº 9).

2. “[...] havia lá um matadouro e as cabeças dos bois ficavam à mostra como referência ao estabelecimento”;

(SG69F – Entrevista nº 10).

3. “[...] cabeça de Tiradentes ficou alguns dias exposta num poste na praça central da cidade, antes, denominada Santa Quitéria. Como ele era maçom e o lema deles é igualdade, fraternidade e liberdade, o seu grupo que retirou sua cabeça do alto do poste, numa madrugada de neblina, muito comum em Vila Rica, para que fosse dignamente enterrada no bairro que leva o nome”.

(MSTA41F – Entrevista nº 11).

4. “[...] onde enterravam a cabeça dos escravos que eram decapitados”.

(AMDS86M – Entrevista nº 12).

Veloso (2018) defende que as casas foram erguidas em torno dos caminhos que eram ocupados ininterruptamente nas encostas dos morros. Conforme esse autor, ao longo do século XVIII, o traçado urbano baseado na estrada tronco ligava altos dos morros, vales e córregos e foi o eixo central do desenvolvimento da Vila (VELOSO, 2008, p.87). O autor também defende que, apesar de ter sido construída uma forca no local, o topônimo sob análise refere-se à

⁷ Extraído da ficha lexicográfico-toponímica (FERNANDES, 2021, p. 155).

Os participantes com mais de 65 anos de idade contribuíram, majoritariamente, com informações sobre o topônimo estudado, visto que acrescentaram histórias locais ligadas às nomeações, as quais lhes foram passadas pelos pais e avós. Com o exame das entrevistas, pode-se perceber que a memória conserva informações, na medida em que possibilita que o passado não seja totalmente esquecido. Desse modo, ela representa um importante espaço de significação e tem papel determinante nas questões referentes aos nomes próprios atribuídos a lugares em sociedades passadas. Acreditamos, por isso, que os habitantes mais velhos⁸ são os principais responsáveis pela transmissão de um legado cultural.

Considerações finais

Ao apresentar parte do resultado de uma pesquisa de mestrado que buscou investigar a ancianidade dos nomes de dez bairros ouro-pretanos, selecionados para um estudo toponímico, neste artigo, elegemos como análise e descrição o topônimo *Cabeças*. A seleção desse topônimo para a presente discussão se deu em razão do nome dado ao logradouro ouropretano despertar a curiosidade tanto dos moradores quanto das pessoas que visitam ou residem na cidade por um tempo determinado, seja por motivo de trabalho, seja por motivo de estudo.

Com base nas histórias e lendas que circulam na cidade sobre o nome desse bairro, buscou-se, com este estudo, conforme mencionado anteriormente, contribuir para o resgate e preservação de parte da memória do município mineiro em destaque. Verificamos que, segundo os historiadores, o topônimo *Cabeças* fora assim instituído por nortear o princípio da Vila Rica; entretanto, os moradores atribuem outra motivação para esse nome. Vimos que o contexto de violência e a forma comum de punição dos “malfeitores” à época do início da criação do povoado, isto é, o uso da força, reforçaram a associação feita pelos moradores ao nome *Cabeças*, construindo, portanto, outra significação. Nos termos de Geertz (2008), o emaranhado de signos criados pelos moradores e o contexto histórico-social contribuíram para o desenvolvimento de uma cultura local acerca da motivação para a criação do mencionado topônimo.

Atualmente, *Cabeças* não é mais vista/entendida como o “princípio da Vila”, já que a cidade possui diversas entradas e saídas para diferentes municípios, tendo em vista a expansão do território e o desenvolvimento urbano, os quais contribuíram para diversas alterações, principalmente, na configuração espacial e geográfica do município. Porém, ao trazermos à tona tempos pretéritos da cidade, por meio do estudo da nomeação, é possível compreender porque uns bairros possuem melhor infraestrutura do que outros, quais atividades foram, ainda

⁸ Em uma das entrevistas, uma jovem de 17 anos, moradora de um dos bairros ouro-pretanos, ao perceber a importância que os nomes dos lugares têm, além do fato de se tratar de uma cidade bastante relevante na história nacional, argumentou, reconhecendo que não tinha muitas informações: “[...] o jeito que eles ensinam na escola dá a impressão de estar longe, distante, nem parece que foi ali, na praça, onde há shows e turistas, que pessoas disputavam o ouro, faziam outras de empregados e escravos, cortavam a cabeça [...] nem parece que aqui tem nem tinha tanta importância assim”.

são e não são mais desenvolvidas nesses bairros para a geração de renda, quais regiões receberam e recebem mais atenção do poder público, bem como a questão da habitação relacionada ao poder aquisitivo e à tradição familiar.

Uma vez que o topônimo faz parte do léxico de uma língua, seu estudo é uma importante forma de escrutinar e observar aspectos de uma comunidade linguística. Isso porque esse tipo de investigação pode evidenciar fatos desconhecidos pela maioria da população, sobretudo, pelos mais jovens, e pode descortinar um senso coletivo acerca da motivação da criação de um topônimo, tal como vimos aqui. Esse tipo de movimento fica mais patente quando há a permanência do topônimo, isto é, quando não há a substituição, por meio de leis, de um termo antigo por outro mais atual, indicado, muitas vezes, para homenagear algum personagem local. As fontes bibliográficas e documentais analisadas, atreladas ao exame das entrevistas de moradores, corroboraram, a princípio, a percepção de que história e a memória se complementam, já que existem situações e experiências do cotidiano de um povo que não são oficializadas, às vezes distorcidas e, até mesmo, apagadas por aqueles que detêm o poder, mas podem ser recuperados por meio da tradição oral. No entanto, com esta pesquisa, observou-se que nem sempre história e memória se inter cruzam, pelo fato de que, sobre a segunda, transcorrem o mítico e o imaginário. Assim, com o passar do tempo, são atribuídos novos valores e crenças às narrativas transmitidas, influenciados por elementos da cultura de um grupo.

Ao transitarem pela tradição oral, às histórias são acrescentadas perspectivas e novas leituras do passado, como pode ser constatado no estudo toponímico do bairro *Cabeças*. Os dados mostraram que a variável *idade* foi a que mais exerceu influência na obtenção das informações, além de mostrar a instabilidade semântica. Além disso, ao se resgatar a memória por meio da linguagem, enfatizou-se o papel do idoso, visto que, por meio de suas narrativas, apontaram-se situações de apagamento (muitas vezes intencional) e possibilitou-se a recuperação de tempos pretéritos pela investigação de nomes dados a lugares.

À guisa de conclusão, a motivação da escolha do nome de um lugar está relacionada a itens diversos da cultura, da sociedade, do espaço geográfico, dentre outros. No caso do topônimo *Cabeças*, a entrada principal do local foi associada à parte superior do corpo humano (ou animal), isto é, à cabeça, juntamente à configuração geográfica e à paisagem local, as quais incitaram a escolha nominativa desse logradouro, um dos primeiros arraiais formados na região. E, embora tenha se expandido e se transformado em bairro, passados três séculos, é mantido o topônimo que testemunha uma época, preservando e criando memórias. Assim, a permanência do nome revela o espírito conservador de um passado, nem tão cheio de glória, na toponímia do município de Ouro Preto.

Financiamento

Soélis Teixeira do Prado Mendes – Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2.

Referências

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. CÂMARA MUNICIPAL DE OURO PRETO. Inventário do Fundo Câmara Municipal Província Ouro Preto. Junho/2013. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/fundos_colecoes/CMOP/. Acesso em: 10 fev. 2023.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Dimensões da palavra*. Filologia e linguística portuguesa. n. 2, 1998. p.81-118.

BRASIL. Tribunal Regional Federal (1. Região) (TRF1). Dicionário de latim forense. Brasília, 1994. 48 p. Disponível em: <http://www.trf1.jus.br/dspace/handle/123/52681>. Acesso em 03 mar. 2023.

COELHO, B. J. *Dicionários – estrutura e tipologia*. In: Linguagem: Lexicologia e Ensino de Português. Catalão: Modelo, 2008, p. 13-43.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições do Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. de P. do A. Métodos e Questões Terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. *Investigações Linguísticas e Teoria Literária*, v.9, n. 1, p. 119-148, 1999. DOI: <https://doi.org/10.14393/Lex11-v6n1a2020-12>

DICK, M. V. de P. do A. *Toponímia e antroponímia do Brasil: coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.

FERNANDES, F. K. M. *Memória e tradição: um estudo toponímico dos nomes de bairros mais antigos de Ouro Preto – MG*. 205 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

FONSECA, C.D. *Arraiais e vilas d'el rei: espaço e poder nas Minas setecentistas* [online]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Humanitas series, 731 p.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Cidades*. Ouro Preto (MG), 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ouro-preto/panorama>. Acesso em: 28 mar. 2023.

LABOV, W. On the use of the present to explain the past. In: HEILMANN, L. *Proceedings of the XIth International Congress of Linguistics*. Bologna: Mulino, 1974, p. 825-851.

RUAS, E. *Ouro Preto: Sua História, Seus Templos e Monumentos*. Editora: Minas Gerais, 1958.

SEIDE, M. S. Toponomástica e Antroponomástica: paradigmas e métodos. *Revista Confluência*, Rio de Janeiro, n. 44, p. 165-184, 2013.

SEIDE, M.S. Métodos de pesquisa em Antroponomástica. *Domínios De Linguagem*, v. 10, n. 3, p. 1146-1171, 2016. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL23-v10n3a2016-1/>.

LINHA D'ÁGUA

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução de Mateus e J. A. Osorio. 2. ed. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1967.

VASCONCELLOS, J. L. *Antroponímia portuguesa: tratado comparativo da origem, significação, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados por nós desde a Idade Média até hoje*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

VASCONCELLOS, S. de. *Vila Rica: Debates Arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

VELOSO, T. *Terrenos Urbanos: os aforamentos da sesmaria da câmara de Vila Rica e a sociedade mineira setecentista (1711-1809)*. 2018. 390f. Tese (Doutorado em História) Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, 2018.